

AS GUERRAS SERVIS DA SICÍLIA

*Sônia Regina Rebel de Araújo**

RESUMO

Este artigo discorre sobre as circunstâncias históricas das duas revoltas servis na Sicília entre 135 e 101 a. C., tendo como base teórica as considerações de Sidney Chalhoub e João J. Reis sobre a escravidão nas Américas.

PALAVRAS-CHAVE: *Diodoro da Sicília. Escravidão em Roma. Guerras Servis. Resistência de Escravos.*

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende analisar e discutir as duas revoltas de escravos ocorridas na Sicília na segunda metade do século II a. C.. Para tanto, servimo-nos não apenas dos estudos sobre escravidão na Antiguidade – especialmente as contribuições de Moses Finley e Keith Bradley –, mas também de estudos sobre a escravidão nas Américas, a exemplo das obras de João Reis, Sidney Chalhoub e Eugene Genovese. Em termos teóricos, tenta-se demonstrar como o entrelaçamento dos estudos sobre a escravidão na Antiguidade e nas Américas pode ser produtivo, profícuo, para os estudiosos deste importante tema. Em outras palavras, é vantajoso para os estudiosos da Antiguidade estudar aspectos da escravidão nos tempos modernos, mas também para os especialistas em História das Américas e do Brasil é de grande importância informar-se sobre a escravidão antiga, pois sem dúvida esta plantou as bases para o pensamento dos modernos a respeito deste tema. Penso, por exemplo, em Antonil: quando escreveu que “os escravos são os pés e as mãos dos senhores de engenho” estava obviamente influenciado por Aristóteles, que apontava, em *A Política*, para a simbiose entre o corpo do escravo e o do amo (FITZGERALD, 2000, p. 13-31).

* Professora da Universidade Federal Fluminense. Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense, com pós-doutorado na Universidade de São Paulo (USP). E-mail: soniarebel52@gmail.com.

Algumas questões são relevantes a se considerar no caso da resistência de escravos: a) formas explícitas de resistência, como fugas, quilombos e revoltas; b) resistência do dia-a-dia – roubos, sarcasmos, sabotagens, assassinatos, suicídios, abortos – “aspectos menos visíveis, porém profundos, de uma ampla resistência sócio-cultural” (REIS; SILVA, 1989, p. 33). No caso das revoltas da Sicília, tento mostrar que o número impressionante de escravos trazidos à ilha no século II, a criação pioneira na ilha de uma nova forma de propriedade rural, o latifúndio, com a carga excessiva de exploração econômica de escravos de primeira geração, trouxeram consigo, ao mesmo tempo, tanto as formas cotidianas de resistência como a forma mais explícita. Em outras palavras, a rebelião dos escravos foi preparada por um clima de insegurança na ilha, traduzido em banditismo generalizado, e também em formas menos notórias de resistência, que precederam a forma mais organizada das rebeliões ocorridas entre 135-131 e 104-101 a. C.

As formas de resistência dos escravos variaram bastante ao longo do tempo, mais contundentes às vezes, mais brandas quando conveniente, mas endêmica, em todo o caso, onde existiu escravidão. Mesmo entre os *verna*, supostamente mais afeitos à escravidão, havia resistência quando expectativas eram quebradas, ou os amos exageravam nos maus tratos. Sidney Chalhoub (1990) demonstra, em seu belo livro, que duas visões correntes na historiografia brasileira, a que aposta na existência do “escravo-coisa” e a que mostra o escravo como “rebelde de tempo integral”,¹ são criticáveis, porque é difícil para grupos oprimidos, em qualquer época, organizarem-se em rebeliões. Estas ocorriam quando havia uma exasperação da situação em que os escravos viviam. Por outro lado, como já dissemos, as tensões e conflitos permeavam as relações entre amos e escravos, mesmo quando aparentavam calma.

Vou procurar mostrar que esses negros agiram de acordo com lógicas ou racionalidades próprias, e que seus movimentos estão firmemente vinculados a experiências e tradições particulares e originais – no sentido de que não são simples reflexos ou representações de “outros” sociais. [...] será feita uma tentativa o tanto quanto possível exaustiva de entender suas especificidades numa rede mais densa de sentidos e experiências. Afinal, como os negros pensavam e agiam diante da possibilidade, sempre presente nos horizontes de suas vidas, de serem comprados ou vendidos? (CHALHOUB, 1990, p. 48).

¹ Para o escravo-coisa, veja-se, por exemplo, a tese de F. H. Cardoso e, para o segundo caso, são exemplos Clóvis Moura e Jacob Gorender.

Portanto, havia uma lógica no agir dos escravos que resistiam, e tal lógica era informada por dados culturais que estes seres traziam de suas origens. Assim, importa considerar para o caso das revoltas da Sicília tanto uma quebra nas expectativas dos escravos em torno do que estes consideravam um tratamento “justo” ou adequado dos amos em relação a eles, quanto é fundamental, para o caso da segunda revolta, analisar a quebra da promessa de liberdade aos que combatessem na guerra ao lado dos romanos como causa central do segundo movimento insurgente.

Uma forma típica de resistência foi a fuga. A fuga é importante como forma de resistência pelo prejuízo que causa ao amo, que tentava evitá-la, quando possível, mas reprime duramente o escravo fugitivo quando necessário (FINLEY, 1991). Há dois tipos de fugas: *fugas-reivindicatórias* e *fugas-rompimento*. As primeiras, segundo J. J. Reis, equivaleriam às greves, tentativas de modificar relações de trabalho, ou interferir de algum modo nas relações de produção. As *fugas-rompimento* eram mais amplas, verdadeiras insurreições. “A principal motivação para fugas e revoltas parece ter sido a quebra de compromissos e acordos anteriormente acertados. Existiam em cada escravo idéias claras, baseadas nos costumes e em conquistas individuais, do que seria, digamos, uma dominação aceitável” (REIS; SILVA, 1989, p. 67).

Embora Finley minimize a importância da resistência cotidiana dos escravos, considera relevante estudar as fugas. Quanto às causas das revoltas, este autor aponta que as variáveis explicativas das revoltas de escravos na Antiguidade – na Sicília e de Espártaco – eram as seguintes: “a crise sócio-política geral em que emergira a sociedade romana”; “a quantidade muito grande de homens escravizados há pouco tempo – muitos provenientes [...] da Síria e Ásia Menor, dentre os quais homens cultos e de posição social elevada, que efetivamente lideraram” (FINLEY, 1991, p. 119). Tais considerações são importantes, porque o contexto romano da primeira revolta servil estruturase a partir da tentativa frustrada de Tibério Graco de fazer uma reforma no sistema de propriedade rural na Itália, enquanto que, no caso da segunda revolta servil, Mário e os principais generais romanos estavam às voltas com a invasão de cimbrós e teutões.

Keith Bradley, em seu importante livro (BRADLEY, 1989) mostra que as revoltas de escravos, tanto na Antiguidade quanto no Novo Mundo, ocorreram, basicamente onde: a) havia predomínio de escravos do sexo masculino e de

primeira geração; b) havia condições para esconderijos e lugares inacessíveis; c) não havia solidariedade ou laços em comum entre amos e escravos.

As guerras servis constituíram importantes revoltas de escravos da Antiguidade, tendo durado, cada uma, vários anos – tal como a de Espártaco –, mobilizando milhares de escravos e exigindo, para sua repressão, exércitos romanos de nível consular. A primeira guerra siciliana durou de 135 a 131 e a segunda desenvolveu-se entre os anos de 104 e 101 a. C.. Ambas tiveram como líderes chefes com poderes sobrenaturais, escravos excepcionais, ou assim vistos por seus seguidores. Mas as circunstâncias específicas que propiciaram a eclosão dessas revoltas diferiram um tanto. A fonte principal para a análise dessas revoltas é Diodoro da Sicília (*Biblioteca Histórica*, 34-35, para a primeira revolta, e 36 pra a segunda).

A PRIMEIRA GUERRA SERVIL

Em primeiro lugar, gostaria de caracterizar a situação da Sicília entre o fim da Guerra Anibálica e a Primeira Guerra Servil. A segunda guerra púnica foi essencial para o assentamento da economia siciliana, pois da guerra derivou um novo ordenamento administrativo, uma sistematização das relações com Roma e um novo impulso para a economia da ilha (MAZZA, 1981, p. 21).

As fontes literárias, tanto as que se remetem a Possidônio, quanto as romanas,² apontam para as profundas modificações surgidas na Sicília após a Guerra Anibálica. Embora haja diferenças importantes entre as fontes, de modo geral elas coincidem no que tange ao número impressionante de escravos que afluíram para a ilha, à sua imensa riqueza – a Sicília, dizem, se constituía um celeiro para Roma – e também à contestação de que, tanto na criação de gado, como nos latifúndios agrícolas, muitos escravos geraram lucros e riquezas açambarcados por proprietários sicilianos, italianos e romanos.³

Quanto à fertilidade do país, por que eu deveria falar disso, se todos os homens declaram não ser inferior à da Itália? Em matéria de grão, mel, açafraão e vários outros produtos, deveria mesmo ser considerada superior. [...] A ilha é parte da Itália e, como tal, sem grande trabalho, supre Roma com tudo que há. [...] Ela é de fato chamada o celeiro de Roma (Estrabão, *Geografia*, 6, 2, 6-7).

² Para o primeiro caso, Diodoro, XXXIV-XXXV; Ateneu, *O Banquete dos Sofistas*, VI. No outro caso, ver Lívio, *Periocha*, 34-35; Cícero, *Verrinas*, II; Floro, 2, 7; Estrabão, 6, 2; Frontino, *Estrat.*, 4, 1, 26; Val. Máximo, 2, 7, 3, 7; 4, 3; 6, 9; 9, 12; Orósio, *Histórias*, 5; Apiano, *B.C.*, 1, 7; 1, 9.

³ Sobre o descompasso nas fontes entre a grande importância da pastorícia (Diodoro) e a do latifúndio agrícola cerealífero (Cícero, principalmente), ver os estudos de Coarelli (1981) e Mazza (1981).

Esta terra tão rica em cereal, uma província situada praticamente a nossas portas, foi ocupada por grandes propriedades rurais, sob o domínio de cidadãos romanos (Floro, 2, 7).

Devido à extrema prosperidade das pessoas que desfrutavam dos produtos naturais dessa imensa ilha, quase todos quando ficavam mais ricos se adotavam um padrão de comportamento primeiro luxuoso, depois arrogante e provocador. Em virtude desse comportamento os escravos passaram a ser tratados cada vez pior, e eram correspondentemente cada vez mais alienados de seus proprietários. [...] Os sicilianos que controlavam toda essa riqueza competiam em arrogância, cobiça e injustiça com os italianos. Aqueles italianos que possuíam um lote de escravos tinham acostumado seus pastores a um comportamento irresponsável a tal ponto que, em vez de provê-los com suprimentos, encorajavam-nos a roubar (Diodoro, 24).

Ou seja, as fontes apontam para uma das causas da grande revolta de 135 a. C.⁴: o número imenso de escravos levados para a Sicília, após as vitórias romanas no Mediterrâneo, para trabalharem nos latifúndios agrícolas e em fazendas de gado. São escravos de primeira geração, cruelmente tratados e explorados.

Fixemo-nos, por ora, no relato de Diodoro para perceber o clima de revolta e medo existente na ilha, devido à existência de numerosos escravos pastores, maltratados, encorajados a roubar pelos próprios amos, e que trouxeram grande insegurança a quem se aventurava a viajar pela ilha, especialmente à noite.

Deram essa liberdade [de roubar] a homens que devido a seu poder físico eram capazes de pôr em prática qualquer coisa que planejassem fazer, [...] homens que devido à falta de comida eram forçados a empreitadas arriscadas, e isso logo levou a um aumento da taxa de crime. Começaram matando pessoas que estavam viajando só ou em pares, em lugares especialmente afastados. Depois reuniram-se em grupos e atacaram as fazendas [...] à noite, pilhando seus domínios e matando quem resistisse. Eles tornavam-se cada vez mais ousados e a Sicília deixou de ser passagem à noite para os viajantes. [...] Todos os

⁴ Sobre a defasagem cronológica – pois há fontes que afirmam ter a revolta existido entre 149 e 132 a . C., enquanto outras restringem a periodização entre 135 e 132 a . C. –, ver Green (1961), especialmente a “Nota Cronológica”, p. 28-29. Pessoalmente, acho que não há contradição entre as duas tradições, pois, como Diodoro mostra, o clima de revolta antecede os dramáticos acontecimentos protagonizados por Euno e seguidores, mas o ápice dessa guerra deu-se, realmente entre 135 e 132, quando a revolta exigiu, para ser extinta, a condução de cônsules mandados por Roma; os pretores derrotados anteriormente, e punidos por autoridades romanas, indicam que havia revoltas de escravos fugitivos. Note-se que a periodização a partir de 135 faz coincidir a revolta com os problemas causados em Roma pelas tentativas de reforma de Tibério Graco.

lugares foram atingidos pela violência e roubo e assassinato. Mas pelo fato de os pastores estarem acostumados a dormir ao ar livre e estarem equipados como soldados, estavam (não surpreendentemente) cheios de coragem e arrogância (Diodoro, 28, 29).

Este autor afirma que aqueles que tinham terra na ilha compravam remessas de escravos, os quais recebiam um tratamento rigoroso, sendo presos em ergástulos, ou trabalhando com correntes nos pés; o ritmo de trabalho também se intensificou, e a exaustão tomava conta dos escravos, exasperando-os e, além do mais, “todos eram marcados com a humilhação do ferro em brasa. Em consequência disso, toda a Sicília foi inundada por um número imenso de escravos, de tal forma que, quem ouvia falar sobre isso achava absurdo e inacreditável” (Diodoro, 24).⁵

Em conclusão, a Sicília apresentava desde 149 a. C., pelo menos, motivos de insurreição de escravos e mesmo alguns indícios de revolta, pois, ainda segundo Diodoro, a irresponsabilidade dos amos e a má administração das autoridades levaram a uma situação insustentável, pois escravos armados tornaram-se perigosos; a pilhagem da ilha já tinha começado antes mesmo que Euno, o chefe mago da revolta, tivesse sido escolhido. Aliás, a defasagem cronológica entre as fontes é mais aparente do que real, pois “Lívio, Diodoro e Cícero se referiram a três períodos históricos diversos, respectivamente, aos anos sucessivos à segunda guerra púnica, ao último terço do século II a. C., e aos anos sucessivos à ditadura silana” (COARELLI, 1981, p. 9). Em suma, havia um clima de revolta na ilha, provocado pelo número imenso de escravos de primeira geração de um lado, e pelo cruel tratamento por eles recebido, que incluíam castigos físicos humilhantes, mas também uma superexploração do trabalho. Se os pastores constituíram o estopim da revolta, pelo seu modo selvagem de vida, os escravos rurais dos ergástulos preencheram as fileiras dos soldados da revolta.

Coarelli comenta, a respeito da defasagem geográfica, que Cícero preferiu abordar a situação das áreas produtoras de cereais, deixando de lado a área sul-oriental, onde o latifúndio era mais característico, onde havia criação de

⁵ Na análise sobre a rebelião de escravos em Demerara de 1823, Emília Viotti ressalta as modificações na produção agrícola, principalmente do açúcar, que significaram uma maior exploração dos escravos e, conseqüentemente, serviram de motivo para a revolta: “Junto com o capital britânico chegaram novas maquinárias, um ritmo de trabalho mais intenso, idéias novas e um novo estilo de vida. [...] A integração de Demerara a um mundo capitalista em expansão deu aos escravos novos motivos de protesto, mas também novas noções de direitos e novas oportunidades de resistência.”

gado, região esta onde a revolta começou (COARELLI, 1981, p. 9; Ateneu, 6, 272; Estrabão, 6, 273).

Desde 139 a. C., quando chegou à ilha, um escravo sírio de Apaméia, Euno, foi comprado por Antígenes, habitante da cidade de Enna, ao seu primeiro amo. Era um escravo doméstico que comparecia com seu amo a banquetes para fazer mágicas, truques, e divertir os convidados. Dizia-se em contato com a Deusa Síria, Atargatis, de quem se tornara consorte, em núpcias rituais – neste caso, havia a identificação de Euno com o deus solar Haddad – e, utilizando-se de uma noz e algum combustível, lançava chamas pela boca, apregoando trazer mensagens da divindade síria (BRADLEY, 1989). Tais mensagens diziam que ele seria rei na ilha, que era destino dos escravos formarem um reino na Sicília.

Certa vez, quando animava um banquete, foi inquirido pelos convidados sobre como seria tal reino e que espécie de governo ele faria, se fosse rei, tendo respondido então que seu governo seria muito moderado em relação aos amos, e montaria uma corte semelhante àquela do reino helenístico de onde viera (Diodoro, 8). Os amos gostaram tanto do seu relato que o regalaram com pedaços de carne e outras vitualhas de sua mesa, dizendo-lhe para lembrar-se dessa gentileza caso se tornasse rei.

Ora, seu discurso era dirigido também aos escravos, que o ouviam e faziam uma leitura diferente da dos senhores, bem mais séria, sem dúvida. Em outras palavras, desde 139 a. C., este escravo estava em ação entre outros escravos, divulgando um discurso de cunho ao mesmo tempo religioso e político, porque mostrava que os escravos tinham condições de, rebelando-se contra seus donos, tomar a ilha, sob os auspícios da deusa síria.⁶ Sua pregação durou de 139 a 135, quando a revolta propriamente dita começou.

A revolta teria começado na propriedade de um certo Damófilo, criador de gado, famoso, juntamente com sua mulher Megalis, pelos maus tratos infligidos a seus escravos pastores. Diodoro, baseado em Possidônio, comenta o comportamento arrogante e luxuoso deste proprietário, ostentando um estilo de vida dispendioso e viajando pelo interior com sua corte de escravos domésticos, carros e cavalos caros (Diodoro, 2, 34; Possidônio, frag. 7).

⁶ A esse respeito ver as análises de João J. Reis e E. Silva (1989). Eugene Genovese fala igualmente que alguns escravos tinham visões, ouviam vozes; este autor comenta a respeito dos líderes das revoltas de escravos, suas características de escravos excepcionais, como no caso de Toussaint Louverture no Haiti. Ver, respectivamente, Genovese (1988) e Genovese (1983).

Ao mesmo tempo, tratava seus numerosos escravos de modo humilhante, marcando-os com ferro em brasa, prendendo-os com correntes, e aprisionando-os nos horríveis ergástulos, torturando-os pessoalmente. Certa ocasião, alguns de seus escravos pastores foram até ele para pedir roupas e suprimentos de víveres, obtendo-lhe apenas como resposta açoitamentos e a negativa (Diodoro, 36-38; Possidônio, frag. 7). As fontes, ao narrarem este fato, indicam a ideologia estoíca de seus autores, pois condenam o comportamento de Damófilo, responsabilizando-o pelos trágicos acontecimentos que se seguiram:

Ele [Damófilo] era escravo do luxo e do mal. Ele viajava pelo interior em carros de quatro rodas conduzido por belos cavalos e escoltado por criados e parasitas e um exército privado. Mas ele e toda a sua família foram mortos mais tarde de uma maneira ridícula, e objetos de desdém de seus escravos (Possidônio, frag. 7).

Devido ao seu caráter obstinado e selvagem, não havia um só dia em que esse mesmo Damófilo não torturasse algum de seus escravos sem uma causa justa. Sua esposa Matallis [Fócio a chama Megalis] tinha igual prazer nesses castigos insolentes e tratava suas empregadas e aqueles escravos que estavam sob sua jurisdição com grande brutalidade. Em consequência desses castigos humilhantes, desenvolveu-se nos escravos um sentimento de bestas selvagens em relação aos seus amos, e achavam que nada do que pudesse lhes acontecer seria pior do que o mau estado em que se encontravam (Diodoro, 37).

Para os estoícos, então, havia um tratamento “justo” e um “injusto” no que se refere aos escravos: torturá-los rotineiramente, “sem causa justa”, exceder-se nos castigos, bestializa os escravos, tornando-os perigosos. É claro que os escravos estão à disposição de seus amos, mas estes têm que saber mandar nesses seres nascidos livres, mas caídos em cativeiro pelas contingências da guerra.

Os pastores de Damófilo, depois do castigo, reuniram-se e deliberaram sublevar-se. Então, recorreram a Euno, perguntando-lhe se teriam sucesso, ao que ele, simulando falar com a deusa síria, disse-lhes que o sucesso dependia de sua rápida ação:

Pois a Sorte tinha decretado que Enna, a cidadela de toda a ilha, deveria ser seu Estado. Quando ouviram isso, presumiram que o mundo espiritual lhes daria cobertura em sua empreitada e suas emoções estavam tão decididas à rebelião que nada podia retardar seus planos. Então imediatamente

libertaram aqueles escravos que estavam acorrentados e reuniram aqueles dos outros que viviam por perto. Em torno de quatrocentos deles reuniram-se em um campo perto de Enna. Fizeram um pacto solene entre si e trocaram um juramento com a força de sacrifícios noturnos, e então armaram-se tão bem quanto a ocasião permitia. Todos apoderaram-se da arma mais efetiva de todas, a fúria, dirigida à destruição do amo e da ama que os tinham humilhado. Euno os comandava. Gritando, encorajando uns aos outros, irromperam na cidade mais ou menos no meio da noite e mataram muitas pessoas (Diodoro, 24b).

O contexto da primeira revolta aponta para circunstâncias locais – a maldade e injustiça de um amo cruel – mas, na verdade, há motivos estruturais para a revolta. Suas causas são mais profundas e complexas, e ligam-se à implantação do modo de produção escravista na Sicília, com as consequentes modificações na estrutura agrária, bem como à verdadeira “inundação” de escravos trazidos à ilha para trabalharem, tanto com o cultivo de cereais, vinho e oliveiras, quanto na pastorícia. A composição dos revoltosos, desse modo, estava constituída por pastores, mas também por outros escravos rurais; Diodoro os menciona, particularmente quando fala nos libertos dos ergástulos. A revolta se iniciou pela ação dos pastores, os mais fortes fisicamente, e que dispunham de armas, mas os demais escravos rurais forneceram o grosso das tropas rebeldes. Segundo P. Green, a composição social da revolta incluía: grupos mistos de nacionalidades variadas, embora os de origem síria fossem muito numerosos; fugitivos oriundos da Itália; pastores selvagens das montanhas, escravos nativos da própria Sicília; judeus e caldeus que forneceram ao grupo teorias apocalípticas adequadas àquele movimento – “É possível que se encontrassem entre eles alguns remanescentes da luta com Simão Macabeu” (GREEN, 1961, p. 13). Green dá muita atenção à motivação religiosa dos rebeldes, e cita, além de Diodoro, Cecílio, o orador da feira do Cabo, cuja obra se perdeu. A ocasião escolhida para o levante não poderia ser melhor, pois o pretor nomeado para a ilha, Hipseu, ainda não havia chegado para assumir o cargo; havia tropas romanas na Espanha; houve pouco antes uma erupção enorme do Vesúvio, e isto foi entendido como se coisas extraordinárias estivessem para acontecer (MAZZA, 1981, p. 37; GREEN, 1961, p. 14).

Diodoro relata que os escravos invadiram a cidade, matando seus amos, incendiando e estuprando mulheres, devido à fúria de que estavam possuídos. Ao mesmo tempo, narra que pouparam a vida da filha de Damófilo, que

sempre tinha sido gentil com os cativos, alimentando-os e pensando seus ferimentos quando eram açoitados ou presos nos ergástulos. Ela foi conduzida em segurança, escoltada por escravos escolhidos, até à casa de parentes em outra localidade.

Senhores da situação na cidade de Enna, os escravos conduziram os senhores ao teatro, onde se realizou uma espécie de assembléia. Damófilo e Megalis, que tinham sido capturados, foram levados até lá, e foi dado a Damófilo, o direito de se defender. Quando dois pastores, Hérmiás e Zêuxis, lugares-tenentes de Euno, viram que, em sua peroração, Damófilo estava conseguindo convencer alguns escravos, mataram-no a golpes de punhal. A seguir, sua mulher foi entregue às escravas, que depois de vingarem-se torturando-a, atiraram-na de cima de um penhasco (Diodoro, 2, 24). O morticínio de senhores, inclusive Antígenes, amo de Euno, continuou, somente sendo poupados os que sabiam fazer armas e outras coisas úteis para os rebeldes (Diodoro, 14, 15). Curiosamente, aqueles amos que tinham sido gentis com Euno, dando-lhe carne, foram poupados. A esta altura, ele tinha sido proclamado rei, não por valor militar, mas pelos prodígios que realizava. Intitulou-se rei Antíoco, instituiu uma corte síria e chamou seus súditos de “sírios”. Euno admitiu como conselheiro um certo Aqueu, que censurara o massacre e o descontrole dos chefes sobre os rebeldes. P. Green, em seu excelente artigo, formula sua hipótese sobre tal fato, dizendo que provavelmente, pela idade que tinha à época dos acontecimentos, e a idade de sua captura, ele tinha perto de sessenta anos, e podia tratar-se de um descendente do rei selêucida Antíoco IV Epifânio, (GREEN, 1961, p. 21).

Aos poucos, com os reforços dos escravos libertados dos ergástulos, o exército rebelde somava milhares de homens.⁷ Seus soldados saquearam o interior, não por vingança, mas para se abastecer, tendo Euno expressamente proibido a destruição de produtos agrícolas, se bem permitisse o saque a casas. Foi nessa ocasião que, aproveitando-se da conjuntura de rebelião, homens livres e pobres promoveram incêndios e saques, mas sem juntarem-se aos homens de Euno (Diodoro, 48).

⁷ Fontes: Floro III, 19; Lívio, *Periôcha*, 1, 6. Sobre o número de participantes, o número de 200 mil insurretos constante em Diodoro é plausível; há um aparente descompasso nas fontes pois Lívio menciona 70 mil, enquanto para Floro seriam 60 mil; acontece que essas cifras devem ser somadas, pois Lívio se referia ao exército de Cléão e Floro ao de Euno, não sendo excludentes e somando cento e trinta mil, portanto. De qualquer modo, pensar em 200 mil rebeldes pastores é absurdo, pois a criação não ocupa mão-de-obra em tão grande escala quanto a agricultura.

A segunda fase da revolta marca sua ampliação, tanto em efetivos quanto em relação ao cenário da guerra. Houve uma segunda insurreição de escravos, trinta dias depois do levante em Enna, em outro local da ilha, nas cercanias de Agrigento, na parte ocidental da ilha, liderada pelo cílio Cléão, um pastor de cavalos, chamado de “bandido” por Diodoro (Diodoro, 8).

Os romanos ficaram esperançosos de que houvesse disputas pelo poder entre os dois grupos rebeldes, mas contra essa expectativa, Cléão e seus liderados colocaram-se sob as ordens de Euno, como um general segue o rei. O exército rebelde somava a essa altura alguns milhares – Diodoro fala em duzentos mil soldados – vitoriosos contra os romanos em numerosas ocasiões, tendo chegado a derrotar generais de nível pretoriano, como Lúcio Hipseu. As fontes, especialmente Floro e Valério Máximo, narram as derrotas de generais romanos e os castigos humilhantes infligidos pelos generais aos comandantes derrotados.

Uma consequência importante das vitórias dos insurretos foi a onda de rebeliões de escravos que varreu o Mediterrâneo. Diodoro (2, 29) afirma que, ao saberem dos acontecimentos da Sicília, muitos escravos se revoltaram: em Roma, com cento e cinquenta participantes, na Ática mais de mil se levantaram, e na ilha de Delos, grande mercado de escravos, e em muitos outros lugares, houve revoltas de escravos rapidamente sufocadas pelas autoridades (Cícero, *Verres*, 12, 30, 32).

Na Sicília, porém, a situação continuava a deteriorar-se. Os insurretos, por sua vez, haviam conquistado cidades inteiras, até que, com a nomeação do cônsul L. Calpúrnio Pisão e, a seguir, em 132, do cônsul Rupílio, sua sorte começou a mudar.

A fase final da guerra é marcada, primeiramente, pela tomada de Morgância por Pisão aos insurretos e, a seguir pelo sítio romano, encabeçado por Rupílio, à cidade de Tauromênio (hoje Taormina), então em poder dos rebeldes. A fome foi tão grande que Diodoro (20) menciona cenas de canibalismo – “Quem comeu o peixe sagrado não cansou de sofrer” (Diodoro, 35, 9, 1). Havia entre os seguidores da Deusa Síria interdições quanto ao consumo de peixe, daí, talvez, o significado dessa frase obscura. Dominados pela fome e traídos por um escravo sírio, Serapião, os rebeldes foram duramente castigados por Rupílio, torturados e atirados de um penhasco. Foi nesta ocasião que Rupílio capturou o irmão de Cléão, Comano, que morreu subitamente, nos

braços dos guardas, enquanto aguardava o interrogatório, ou seja, antes que fosse torturado para que confessasse (Diodoro, 20 e Val. Máximo, 9, 12).

A seguir, Rupílio consegue tomar Enna, heroicamente defendida por Cléão, após um sítio devido à traição de um escravo, tal como se dera anteriormente em Tauromênio. Ao todo, nessas batalhas, morreram mais de vinte mil rebeldes. Euno fugiu com mil seguidores, para um lugar inacessível, escondendo-se em uma caverna onde foi encontrado com quatro serviçais: um massagista, um cozinheiro, um padeiro e um bufão. Todos os escravos rebeldes foram massacrados, menos Euno, que acabou seus dias numa prisão, pouco tempo depois do fim da rebelião.

Rupílio ainda levou tropas para o interior da Sicília para acabar com os últimos focos de resistência de escravos. Logo depois, cancelou as execuções em massa, pois claramente a ilha precisava de braços, a tal ponto que os proprietários tiveram que admitir a seu serviço ex-rebeldes capturados. Algumas fontes indicam que ele promoveu uma reforma administrativa – *Lex Rupília* (Cícero, *Verres*, II, 13-32; 15, 37; 16, 39; 24, 59) – de modo a evitar novos distúrbios.

Ao avaliar esta revolta, algumas questões chamam nossa atenção. Foi uma enorme e importante insurreição, provocada por vários fatores, dentre os quais, o grande número de escravos de primeira geração duramente explorados pelos proprietários sicilianos, romanos e italianos, moradores na ilha. Sua fase mais crítica coincidiu com os distúrbios que cercaram a tentativa de reforma agrária de Tibério Graco e a morte deste.

Começou como uma revolta de pastores, mas os escravos rurais dos ergástulos, ocupados com agricultura cerealífera, principalmente, mas também com a produção de vinho e azeite, forneceram efetivos numericamente importantes para a guerra. Tais escravos, porém, não tinham nenhum programa econômico, agindo de maneira mais ou menos impulsiva, embora Euno e outros comandantes tenham pensado politicamente antes de tomar algumas medidas: pouparam as vidas dos que sabiam fazer armas e para abastecer o exército rebelde (REIS; SILVA, 1989). Uma prova de que os escravos não pretendiam mudar o sistema, mas sim se tornarem, eles próprios, senhores, é o fato de Euno ter criados a seu serviço. Por outro lado, o fato de nem todos os escravos aderirem à revolta, bem como a traição ser um meio empregado pelos senhores para quebrar a resistência dos insurretos e tomar suas fortalezas, mostra que eles,

como analisou Gramsci, não tinham uma ideologia organicamente constituída, mas, ao contrário, sua visão do mundo era fragmentada, impossibilitando haver, nesse caso, uma organização social mais efetiva da revolta (GRAMSCI, 1970, p. 364).

P. Green analisa com muito cuidado a corte síria montada por Euno, indicando ser este um descendente do último rei selêucida, Antíoco IV Epifânio, não só por Euno ter assumido o nome de Antíoco e chamar todos os escravos, sem se importar com sua procedência, de “sírios”, mas, também, pelos nomes de seus auxiliares diretos – Hérmiás, Zêuxis e Aqueu – serem os mesmos dos ministros do rei Antíoco. Green acrescenta que os romanos podem ter considerado perigosa a transposição de uma ideologia baseada na recuperação de um reino selêucida no Ocidente, na Sicília, pois tal como o Rei Antíoco IV, Euno também celebrou núpcias com a deusa síria, Atargatis, assimilando-se a Haddad, um deus solar. Atargatis poderia, segundo o autor, ser assimilada à deusa Ceres de Enna.

De qualquer modo, P. Green, salienta as relações entre religião e revolta, no caso da Sicília, pois diz que as fontes – Cícero, *Verres*, II, 4, 49; Val. Máximo, I, 1, 1; Diodoro, 10 – registram uma missão de dez decênviros sacerdotais enviada pelo Senado romano à ilha em 133 para aplacar a Ceres de Enna; Diodoro dá uma versão um pouco diferente, pois para ele, tal missão fez um *tour* pela ilha, visitando os santuários de Júpiter do Etma, proibindo o acesso dos escravos a esses santuários, permitindo-o apenas aos sacerdotes. Em qualquer caso, tratava-se de obter a benevolência dos deuses para evitar a escassez de grão fornecido pela Sicília a Roma. Para Green, os cultos orientais e de mistérios ligavam os escravos de várias nacionalidades num laço comum.

Desse modo, a explicação de porque Euno foi poupado, enquanto milhares de escravos foram massacrados seria, na visão deste autor, a seguinte: Rupílio sabia que era crença entre os povos orientais, dos quais milhares estavam na Sicília como escravos, a idéia de ressurreição dos mortos; contava, além do mais, com um ativo quinta-coluna entre os rebeldes e, por isso, sabia o que Euno-Antíoco representava para seus seguidores; então, considerou pouco inteligente transformá-lo em um mártir, ou, pior ainda, em um mito escatológico, com funestas consequências para a segurança da Sicília (GREEN, 1961, p. 24).

A SEGUNDA GUERRA SERVIS

Entre as duas guerras servis, houve uma série de episódios de levantes de escravos, na Itália, de rápida duração, logo reprimidos pelos romanos: a primeira foi em Nucéria; a segunda, próximo a Cápua, com dezenas de escravos rebelados e logo reprimidos. A terceira, como o próprio Diodoro disse, foi bastante extraordinária, e envolveu um jovem equestre, Títio Vétio, filho de um homem riquíssimo, e seus escravos.

Este rapaz apaixonou-se por uma escrava, a ponto de prometer pagar ao amo da moça uma quantia enorme, que ele não possuía e, para tanto, endividou-se. Ao ser cobrado pelos credores, incitou seus escravos à revolta, matou os credores, declarou-se rei e formou um exército rebelde que exigiu, para ser derrotado, o concurso de Lúcio Lúculo, designado pelo Senado de Roma para pôr fim àquela revolta (Diodoro, 1-5). Traídos por um escravo subornado, os escravos foram aniquilados, e Títio Vétio, com medo do castigo, suicidou-se. O mais interessante, em termos ideológicos, é que Diodoro comenta, a respeito de tais acontecimentos, que eles anunciaram os desastres que adviriam e affigiriam Roma e a Sicília.

As circunstâncias que ensejaram uma primeira fase da revolta se prendem, de um lado, à necessidade que os romanos tinham de soldados para combater os cimbrios e, de outro, a um decreto do governador da Sicília, L. Nerva, libertando os cativos bitínios de origem para que pudessem lutar como soldados no exército romano. Tal iniciativa alvoroçou demasiado todos os escravos da ilha, e muitos se dirigiram ao governador pedindo por liberdade, o que lhes foi negado, pois os proprietários de escravos apelaram para o governador e este revogou seu decreto (Diodoro, 3, 1-3; Dião Cássio, 27). Isto gerou um clima de revolta entre os escravos da ilha (Diodoro, 36, 1, 10; Ateneu, *O Banquete dos Sofistas*; Apiano, *Contra Mitridates*, 12, 9, 59; *A guerra na Espanha*, 99; Cícero, *Verres*, 2, 2, 54; 2, 2, 26; 2, 5, 2; 2, 5, 3; 2, 5, 4; Dião Cássio, *História Romana*, frag. 101 e frag. 104; Floro, 2, 7, 9-12; Lívio, 69-70; Júlio Obsequens, 45; Orósio, 5, 15, 22).

Houve uma primeira revolta, em 104, próximo a Helicéia, quando trinta escravos rurais, de dois proprietários, liderados por um escravo de nome Vário, levantaram-se, mataram seus amos e, na mesma noite conseguiram reunir cento e vinte escravos e fugiram para um lugar naturalmente bem defendido (Diodoro, 2-5). O governador Nerva, vendo que não conseguia removê-los à força, usou

um escravo bandido, Gaio Titínio, para aproximar-se dos rebelados e traí-los. Seu plano deu certo e eles foram rapidamente esmagados (Diodoro, 5-6).

Na primeira fase da revolta, ainda em 104 a. C., observa-se o clima de insurreição e revolta dos escravos em vários lugares – Heracléa, Enna, tendo alguns escravos se refugiado no monte Capriano. O governador não conseguia controlá-los e eles, escravos fugitivos, espalharam o rumor de que o governador se acovardara. Este designou seiscentos soldados da guarnição de Enna sob o comando de M. Titínio para enfrentar os insurretos que, a essa altura, já somavam milhares. Os soldados do governador foram derrotados, deixando os rebeldes “extasiados ante a possibilidade de revoltar-se. Todos os dias muitos desertavam de seus amos. [...] de modo que em poucos dias havia mais de seis mil deles” (Diodoro, 4.1-4).

Uma vez vitoriosos, os rebeldes escolheram um rei para chefá-los. O escolhido foi Sálvio, um adivinho, tocador de flauta em rituais de mulheres (Diodoro, 4.1-4), o que indica, a meu ver, a existência e importância de rituais dionisiacos. Esse rei tinha uma política bastante inteligente: em primeiro lugar, determinou que as cidades deveriam ser evitadas porque, segundo Diodoro, eram centros de dissipação, mas, a meu ver, isso se deveu ao fato de as cidades serem centros de poder das autoridades locais, mais difíceis de serem conquistados; a seguir, organizou seu exército, dividindo-o em três seções com seus comandantes respectivos; do interior, onde governava, Sálvio dava ordens aos soldados para tomarem Morgantina, obtendo vitórias sobre o governador e aumentando seus efetivos em milhares de homens. Declarou que quem depusesse as armas não seria morto, obtendo quatro mil prisioneiros. Também proclamou a liberdade para todos os escravos de Morgantina, mas os senhores dessa cidade também a prometeram a seus escravos, conseguindo momentaneamente que estes não aderissem à rebelião, pois claramente preferiram receber a liberdade das mãos dos amos do que dos rebeldes. Quando os senhores, um pouco mais tarde, revogaram seu decreto de liberdade, muitos escravos passaram para o lado dos fugitivos (Diodoro, 4, 1-8).

A segunda fase da guerra vê o surgimento de um outro grupo rebelde sob o comando do cilício Atênio, administrador da propriedades de dois irmãos muito ricos, e igualmente dotado de poderes sobrenaturais, pois era tido como astrólogo e, nessa qualidade, predizia o futuro – afirmava que seria rei por toda a ilha e que deveriam poupar os animais e plantações. Conseguiu muitos

adeptos, foi proclamado rei por seus seguidores e levantou a região próxima a Lilibeu e Egesta. Não conseguiram tomar nenhuma cidade, mas saquearam e devastaram todo o interior (Diodoro, 5, 1-4 e 6, 1; Floro, 2, 7, 9-12).

Sálvio, a essa altura, também tinha se proclamado rei. Nessa qualidade, montou uma corte de tipo helenístico, intitulou-se Rei Trifão e convocou Atênio, como um rei convoca seu general. De novo, frustrando as esperanças dos romanos, Atênio juntou-se a Trifão, em vez de rivalizar com este pelo poder. Juntos, conseguiram tomar Triocala, uma fortaleza natural, e lá se instalaram, fazendo dela uma espécie de quilombo. A escolha desse lugar se deveu à sua fertilidade, abundância em água, e ao fato de ser inexpugnável. Ali o rei Trifão montou uma corte, dotada de um conselho de homens destacados pela inteligência; vivia em um palácio fortificado e dava audiências coroado e envergando trajes luxuosos romanos assistido por litores (Diodoro, 7, 1-4).⁸

Os romanos mandaram Lúcio Licínio Lúculo à testa de várias legiões, em 103 a. C., para desalojar Atênio de Triocala. Embora parcialmente vitorioso, pois conseguiu matar Trifão e milhares de seguidores em batalha campal aberta – a opinião deste, de que deveriam permanecer em Triocala, foi vencida pela de Atênio – Lúculo não conseguiu acabar com a rebelião. Com a morte de Trifão, Atênio assumiu o comando, conseguiu conter o desespero dos insurretos, e venceu o novo comandante romano, Caio Servílio, enviado em 102 a. C., em várias batalhas, conseguindo manter o interior da ilha rebelado contra os proprietários e as autoridades (Diodoro, 8, 1-5 e 9.1).

A resposta romana se deu na época em que Mário foi eleito cônsul pela quinta vez. Os romanos nomearam Mânio Aquílio como comandante em chefe para a Sicília.

A repressão não demorou a se efetuar. Aquílio conseguiu derrotar os rebeldes e matar Atênio, “num duelo heróico” (Diodoro, 10, 1). A seguir, Aquílio fez investidas pelo interior para acabar com os focos da insurreição, pois havia ainda dez mil remanescentes do exército de escravos, sob o comando de um escravo de nome Sátiro.

Diodoro afirma que há controvérsias sobre o fim dessa revolta: de um lado, diz que Aquílio obteve a rendição dos rebeldes, mandando-os para Roma, onde terminaram os seus dias combatendo na arena como bestiários; mas seu fim

⁸ Coarelli (1981, p. 11) observa que essa segunda revolta, embora envolvesse um número menor de soldados rebeldes, foi melhor organizada, pois a memória da primeira revolta ensinou que a derrota se deveu à fome; a preocupação com o abastecimento dos soldados rebeldes e com a organização então foram a tônica da segunda revolta (BRADLEY, 1989, p. 74-78).

também pode ter sido outro, o de não se renderem e matarem-se uns aos outros, terminando Sátiro por suicidar-se. “A guerra dos escravos na Sicília durou em torno de quatro anos e chegou a esse resultado dramático” (Diodoro, 10, 1-3).⁹

CONCLUSÃO

Esses movimentos rebeldes ocorridos na Sicília no século II a. C. são evidências de que os escravos tinham uma visão política do trato com os senhores e afirmavam o seu “não quero” de várias maneiras, desde a reivindicação, até a forma mais incisiva, a rebelião.

Concorreram para a eclosão desses movimentos não só o número expressivo de escravos de primeira geração de origem oriental, mas também fatores culturais como o dionisismo e diversos cultos orientais praticados pelos escravos rebelados. O diálogo entre os aportes teóricos de historiadores da escravidão nas Américas e no Brasil, como João Reis, Chalhoub e Genovese, e os historiadores da Antiguidade, revelou-se útil, na medida em que aspectos da resistência dos escravos na modernidade revelaram-se instigantes para a análise dos movimentos sociais dos escravos no mundo romano.

Os escravos da Antiguidade fizeram a política que foi possível realizar. A repressão vitoriosa das autoridades romanas não é signo, porém, de fracasso dos rebelados. Afinal, não havia uma alternativa social para a situação de escravidão generalizada. O número expressivo de rebelados, nos dois casos analisados, o fato de terem tomado cidades e as dominado por muito tempo, ressalta que sua organização foi vitoriosa por determinado período, e que mesmo derrotados, infligiram medo aos melhores soldados do mundo, os conquistadores romanos.

THE SLAVE WARS IN SICILY

ABSTRACT

This article aims to discuss the historical circumstances of two slave revolts in Sicily between 135 e 101 BC. It takes its theoretical basis in Sidney Chalhoub's and J. J. Reis' approach to slavery at the Americas.

KEYWORDS: *Diodorus Siculus. Slave Wars. Slave Resistance. Slavery at Rome.*

⁹ K. Bradley (1989, p. 81-82) oferece uma boa avaliação dos motivos da eclosão da guerra bem como de sua derrota, mostrando que os romanos só venceram quando mandaram efetivos numerosos para a Sicília.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FORTE

Diodoro da Sicília. Biblioteca Histórica. In: WIEDEMANN, T. (Ed. e trad.). **Greek and Roman Slavery**. Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 1981.

BIBLIOGRAFIA

BRADLEY, K. **Slavery and Rebellion in the Roman World**. 140 BC-70 BC. Indianapolis: Indiana University Press, 1989.

CHALHOUB, S. **Visões da liberdade**. Uma história das últimas décadas da escravidão na Corte. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

COARELLI, F. La Sicilia tra la fine della guerra anibálica e Cicerone. In: GIARDINA, A.; SCHIAVONE, A. **Società romana e produzione schiavistica**. L'Italia: Insediamenti e Forme Economiche. Bari: Laterza; Instituto Gramsci, 1981.

FINLEY, M. I. **Escravidão antiga e ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1991.

FITZGERALD, W. **Slavery and the Roman Literary Imagination**. London: Cambridge, 2000. [Roman Literature and its Contexts]

GENOVESE, E. **A terra prometida**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **Da rebelião à revolução**. São Paulo: Global, 1983.

GRAMSCI, A. **Antologia**. Seleção, trad. e notas de M. Sacristán. México: Siglo XXI, 1970.

GREEN, P. The First Sicilian Slave War. **Past & Present**, v. 22, p. 10-27, 1961.

MAZZA, M. Terra e lavoratori nella Sicília tardorepubblicana. In: GIARDINA, A.; SCHIAVONE, A. **Società romana e produzione schiavistica**. L'Italia: Insediamenti e Forme Economiche. Bari: Laterza; Instituto Gramsci, 1981.

MEYER, M. The Anatolian Mysteries of the Great Mother and Her Lover, and the Syrian Goddess. In: _____. (Ed.). **The Ancient Mysteries: A Sourcebook**, 1999. p. 113-54.

REIS, J. J.; SILVA, E. **Negociação e conflito**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

VIOTTI DA COSTA, E. **Coroas de glória, lágrimas de sangue**. A rebelião de escravos de Demerara em 1823. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.